

LEGADO

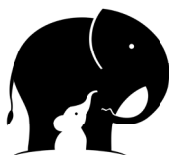
Dr. LUIZ FERNANDO

KEHL

LEGADO

Dr. LUIZ FERNANDO

KEHL



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Marcelo Aramis
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal
Ano: 2021

www.historiasdevida.com.br



“Talvez um médico possa olhar um aluno de Medicina como concorrente... Eu vejo assim: se eu ensiná-lo bem, ele poderá ser meu médico; e eu vou durar mais tempo vivo. A medicina é milenar e sempre foi isso: alguém ensinava a outra pessoa para manter o seu legado.” É com esse pensamento que Luiz Fernando Kehl, que ingressou na medicina em 1969, nunca desvinculou o exercício prático da profissão de médico de uma atividade com potencial de tratamento e cura ainda maior: a docência.

Para contar essa história, Kehl fala pausadamente, certifica-se de que o interlocutor esteja compreendendo o contexto e desenha na própria oratória, mapas, linhas do tempo e fluxogramas para explicar sua vida. Quem não o conhece, talvez não seja capaz de descobrir, só pela figura, que o homem corpulento e de semblante sério é pediatra. Mas bastaria uma conversa breve sobre qualquer assunto para adivinhá-lo professor.

Há quem tenha facilidade para aprender e executar, mas não saiba ensinar. Um bom professor, no entanto, precisa ser um bom aprendiz. E esse talento essencial

Kehl desenvolveu lá na infância, inclusive para conteúdos além do comum para a sua faixa etária. É para lá, pouco antes dele nascer, que essa narrativa fixa seu primeiro ponto.

QUANDO EU CRESCER...

Luiz Fernando é filho de Edmundo e Lory Maria Seibt, ambos nascidos em Nova Petrópolis, cidade de imigração alemã no Rio Grande do Sul, na época, distrito de São Sebastião do Caí. Um dos onze irmãos de Edmundo, Nicolau, era prático licenciado, uma profissão equivalente, hoje, à do dentista. Interessado no ofício do irmão, Edmundo foi a Porto Alegre estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no curso que deu origem à Odontologia. Entre idas e vindas, conheceu Lory.

Casaram-se na cidade dos pais e foram construir a carreira de Edmundo na Capital. Quando Luiz Fernando nasceu, em 19 de janeiro de 1951, a família morava em um apartamento no centro da cidade. Quando o menino tinha pouco mais de um ano, mudaram-se para uma casa, de onde ele guarda as melhores lembranças da infância.

Na ponta do único quarteirão da Rua Auxiliadora, que dá nome ao bairro, o menino conviveu com duas famílias vizinhas que foram marcantes para a sua formação.

*“Atrás da nossa casa,
na rua vizinha, morava o
médico Flávio Kroeff Pires.
Eu o admirava muito. Ficava
encantado quando ele contava
histórias de casos médicos”,*

conta Luiz Fernando, sobre o anestesista que foi um marco para a medicina gaúcha e reconhecido nacionalmente pela sua contribuição à Anestesiologia, inclusive com patente de equipamentos. Os filhos dele, Roberto, Paulo e Mário, com idades próximas à de Luiz Fernando, eram boa companhia para as brincadeiras na quadra de tênis no pátio, separado da família Kehl por um muro baixo, fácil de pular. Mas é das oportunidades de interação com o doutor que Luiz Fernando tem as lembranças mais valiosas.

“E a Medicina começou a chamar minha atenção pelas experiências que ele contava”, lembra Luiz Fernando, com o mesmo encantamento de menino por aquele doutor “bem vestido, bem articulado, admirado pela postura” no qual ele se inspirava ao responder à pergunta “o que tu queres ser quando crescer?”.

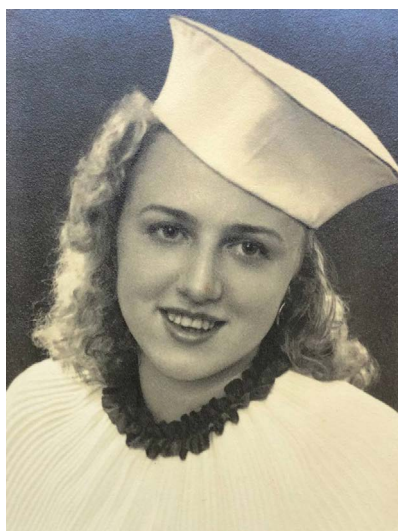
Por ouvir “médico” como resposta, outro vizinho de muro, dono de um comércio de ferramentas, incentivava

o garoto. "O Alberto Steyer – tio Alberto, para mim – tinha uma afinidade muito grande comigo. Aos domingos, íamos buscar correspondências da empresa dele no correio central em Porto Alegre. Ele dizia assim: 'eu sou a ambulância e tu vais fazer a sirene", conta Luiz Fernando, ao lembrar de como se divertia reproduzindo o som pela janela do carro.

Foi na casa da família Steyer que Luiz Fernando teve, entre os cinco e seis anos de idade, as lições mais básicas para o caminho intenso de estudos que trilharia depois.

"Lígia (filha de Alberto) me adotou como aluno. Com um quadro negro na garagem e dotes de professora, ela me ensinou a ler e escrever", lembra, grato.

"Lígia tinha entre oito e nove anos. Era estudante do Farroupilha, colégio tradicional em Porto Alegre. E foi graças ao que aprendi com ela que fui aceito no Curso Roque Gonzalez, ligado ao Anchieta (outra referência em qualidade de ensino na Capital), aos seis anos, um ano antes do tempo normal de ingresso".



Os pais: Edmundo Kehl, Dentista (1912-1975) e Lory Maria Seibt Kehl, Do lar, (1926-2020). À direita, com a família, em Porto Alegre-RS, 1951.





Com o pai, na Linha Imperial, Nova Petrópolis-RS, em 1952 e com a mãe, em Ipanema, Porto Alegre, no mesmo ano. À direita, verão de 1953, na praia de Capão da Canoa-RS, onde passava as férias na primeira fase da infância.

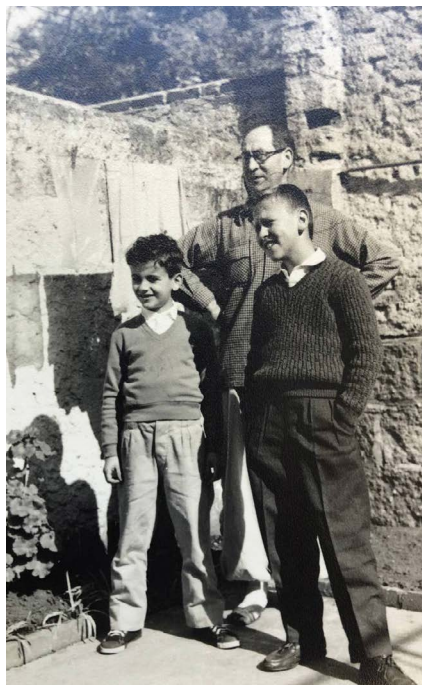




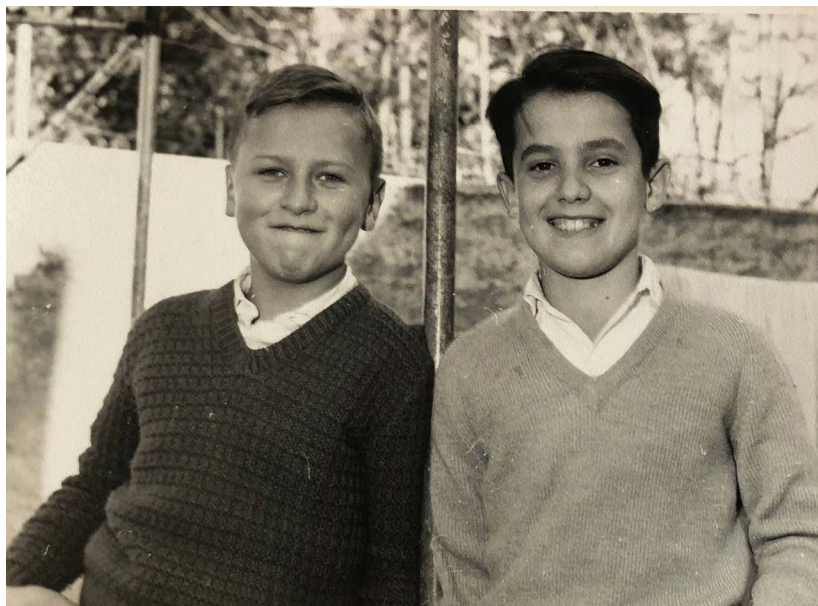
Pilotando o Opel 1937, do pai, em 1951. Com o primeiro Jipe, no verão de 1954.



No aniversário de 7 anos, com os amigos Lígia (a mais alta), Circe e Nair, em Porto Alegre, 1958. Abaixo, Kehl (com a mão no joelho), com os amigos (da esquerda para a direita), Roberto, Silvia, Lígia e Regina, em frente à casa da Família Kehl, na Rua Auxiliadora, em Porto Alegre, no inverno de 1961.



Acima, com o pai e o amigo Roberto, nos fundos da casa na Rua Auxiliadora, em Porto Alegre, no inverno de 1961. Ao lado, retrato da mesma época. Abaixo, verão de 1958, praia de Tramandai-RS.



"Eu e meu grande amigo Paulo Wanner Pires, filho do saudoso Dr. Flávio Kroeff Pires. Vizinho e parceiro de muitas brincadeiras: nosso companheirismo era a toda prova." Porto Alegre-RS, inverno de 1961



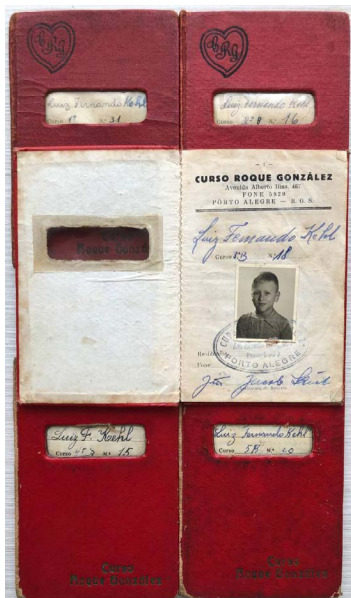
Aniversário de família, com a presença de amigos queridos. Acima, da esquerda para a direita, os tios Arlindo e Verônica Kehl; a mãe, Lory; a amiga Ligia Steyer; a avó Elisabeth Seibt, a prima Nair Kehl, D. Ruth Steyr; o pai, Edmundo; Sr. Alberto Steyer e Luiz Fernando Kehl. Porto Alegre-RS, em 1962.



Com os amigos Roberto (em cima do muro, à direita), Sílvia e Regina, à esquerda, e a mãe, ao fundo, em frente à casa da família, em Porto Alegre. Inverno de 1961.



Recordação Escolar, Curso Roque Gonzales, 1957. Na página ao lado, as Cadernetas Escolares do Curso Roque Gonzales, de 1957 a 1961 e do Colégio Anchieta, de 1962 a 1968. Abaixo, o convite para a solenidade de encerramento do ano escolar de 1962, no Roque Gonzalez, quando Kehl, então na primeira série ginásial, recebeu o destaque de 2º Prêmio, pelo bom rendimento escolar.



O Diretor do Colégio Anchieta tem a honra de convidar a Va. Sra. e exma. família para a solenidade de encerramento do ano escolar a realizar-se no dia 15 do corrente mês, às 20,30 horas, no salão nobre do colégio, na qual será premiado vosso filho Luis Fernando Kehl.

P. Alegre, aos 11 de Dezembro de 1956

MÉDICO OU ENGENHEIRO

“Em 2018, quando a minha turma do Anchieta completou 50 anos de formatura, tivemos um encontro, uma cerimônia. Na ocasião, um padre bem velhinho, que foi nosso professor, puxou papéis de uma pasta: ‘Tu és o Luiz Fernando? Essa foi tua nota em português’. Ele tinha as notas de cada um. Veja o nível de importância que eles davam para isso”, conta Luiz Fernando, com surpresa, embora ele próprio dê ao nível jesuíta de exigência o mesmo valor. Ele também guarda os boletins. Em 2011, quando foi fundado o curso de Medicina em Lajeado, Luiz Fernando encontrou, como colega do quadro docente, o oftalmologista Ricardo Mörschbacher. O médico, que não o conhecia até então, é filho do professor Erny, que o recebeu no Primeiro Ano

Primário no curso Roque González. “Me apresentei ao Ricardo e mostrei-lhe, orgulhoso, minha primeira caderneta escolar assinada por seu pai, Erny, como regente de turma”, conta, sobre a emoção de reviver, diante do novo colega, a relação com o professor da infância; a amizade entre Erny (na época da escola, estudante de Odontologia) com o seu pai, Edmundo, pela afinidade de profissão; a visita do velho professor ao seu consultório e a visita do aluno ao mestre no hospital, pouco tempo antes de ele falecer.

Professor Erny, diante de qualquer falha, costumava ameaçar os alunos com a extradição para o Paquistão.

“Nem imaginávamos o que significava, mas, imediatamente, mantínhamos o prumo”, lembra Luiz Fernando. Conviver com a linha dura da educação dos jesuítas não era uma dificuldade. “O cenário não mudou em nada”, explica ele, ao comparar a disciplina imposta na escola com o nível de exigência em casa. Tanto os pais, quanto a avó materna, Elizabeth – referência pessoal de Luiz e a quem ele devia o compromisso de neto favorito em corresponder às expectativas – eram rígidos.

“A educação que eu recebi junto aos jesuítas, do Curso Roque Gonzales e do Anchieta, foi muito sólida e marcou indelevelmente a conduta pessoal.

Ali estão pilares sobre os quais a minha vida segue até hoje”, discursa Luiz Fernando, em um paralelo entre a educação da escola e aquela que vem de casa.

Em 1961, após concluir a quinta série do primário, Luiz Fernando foi aprovado – um resultado unânime entre os alunos do Roque Gonzales – no Exame de Admissão, para cursar o ginásio no colégio Anchieta. Os estudos continuaram no Colégio Anchieta, cursando o científico. “Nessa fase, eles já dividiam os alunos entre a turma da Medicina e a turma da Engenharia, com disciplinas

diferentes, já preparatórias para essas carreiras”, explica Luiz Fernando, que chegou a cogitar a Engenharia. “Meu pai, quando eu tinha 11 anos, me deu um trem elétrico da marca Märklin, que trouxe da Alemanha. Isso despertou-me para o lado da Engenharia que, nesse ponto, eu balançava para o lado da Engenharia Aeronáutica.

Ele disse “não, eu só tenho um filho. Não vai pilotar avião!”.

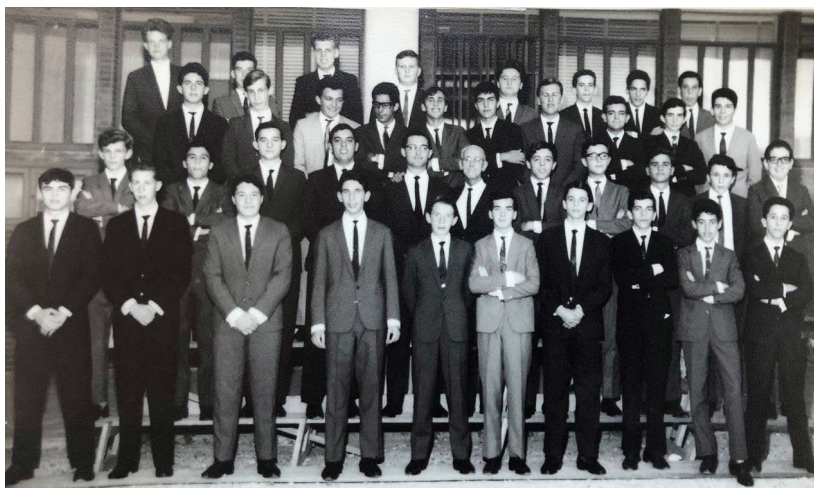
(Aqui cabe um daqueles parênteses explicativos do Luiz Fernando: Por que filho único, especialmente em uma época em que famílias grandes eram comuns? Justamente por isso. “Meu pai quis ter só um filho porque sabia como era viver em uma casa com 11 irmãos.”). Estava definido, da escolha no início do científico à formatura no Anchieta, que Luiz Fernando se prepararia para ser o médico Dr. Kehl.



Acima, Turma Anchieta, 1962, Regente Padre Celso Veit, Porto Alegre-RS
Abaixo, Turma Anchieta, 1963, Regente Prof. Alberto Marques, Porto Alegre-RS



Acima, Turma Anchieta, 1964, Regente Prof. Vicente Berlitz, Porto Alegre-RS
Abaixo, Turma Anchieta, 1966, Regente Padre Longino, Porto Alegre-RS



Acima, Turma Anchieta, 1967, Regente Prof. Marco Bueno, Porto Alegre-RS
Abaixo, Turma Anchieta, formatura, 1968, Regente Padre Mathias Schmitz,
Porto Alegre-RS



Solenidade de Formatura, Diplomação, Colégio Anchieta, em 1968.
Recebendo o Diploma das mãos do Prof. Gessinger.

COMO TUDO FUNCIONA

Luiz Fernando entrou para a faculdade de Medicina em 1969, aos 17 anos, na Faculdade Católica de Medicina (hoje Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, e antes com outros nomes e configurações, mais ainda chamada, pelos contemporâneos de Luiz Fernando, de Fundação), ligada à Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Além da cerimônia formal, de terno, diante de pais orgulhosos pelo início da carreira médica dos filhos, Luiz Fernando passou pela tradicional cerimônia de boas-vindas aos bixos, algo impensável (e ilegal) nos dias de hoje.

*“Davam-nos uma bebida
chamada cadaverina, muito ruim.
Quem vomitasse, bebia de novo...”*

Andávamos como “bixos” (fantasiados, aos gritos e festa dos veteranos) até a praça da Alfândega”, conta, saudoso pela época da juventude, mas ainda com o rosto contraído de asco pela lembrança da cadaverina, cuja receita, “com todo tipo de porcaria”, ainda é mistério.

“Em 1970, tive contato, pela primeira vez, com a Fisiologia. A Fisiologia estuda a função de todo o corpo. Estuda tudo, desde o cérebro, até a unha do pé, como

funciona. Quando tu entendes como tudo funciona, sabe exatamente o que acontece quando não mais funciona. Há um raciocínio médico muito importante. E isso me atraiu muito”, ensina o professor, sobre uma das disciplinas mais temidas do início de curso, pela complexidade e peso do conteúdo. O gosto pelo assunto e a relação com os professores que ministravam, aproximou o aluno ainda mais da Fisiologia.

“Tive uma influência muito grande de um professor, (veterinário) Ivan Carlos Von Poser; do dentista, de quem eu tenho uma grata lembrança, Egon Arno Killian; e do médico Baldur Oscar Schubert.

Criamos uma amizade e eu pendi muito para a área da Fisiologia”, conta.

Após ter cursado a disciplina, Luiz Fernando prestou, no terceiro ano de faculdade, um exame que selecionava alunos para as vagas de monitoria. A atividade consistia em acompanhar os alunos da disciplina, montar grupos de estudos e discussões, elaborar seminários e avaliar cada um, no início e final do semestre, com notas válidas para o rendimento do período. “Eu sempre mantive, como

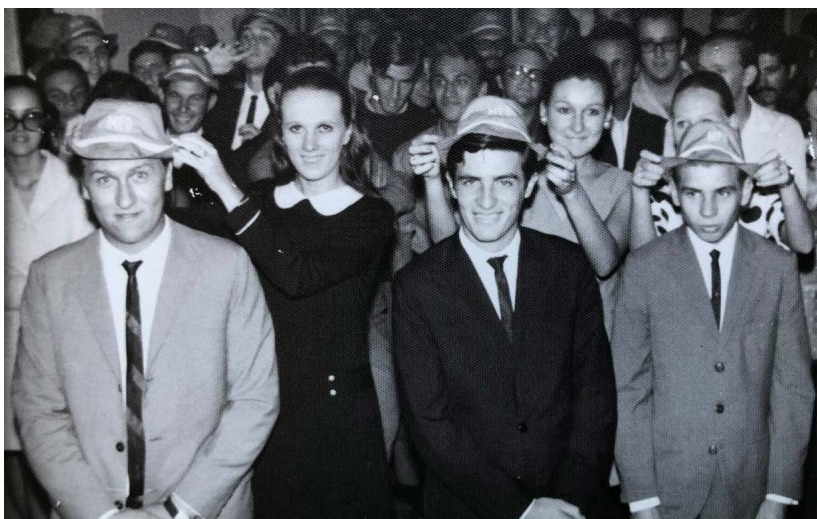
estudante, ao lado das atividades da clínica, essa ligação, pelas monitorias, com a área da Fisiologia”, explica. Conforme avançava na Medicina, Luiz Fernando também elevava o nível da atuação como monitor. “Chegava a um ponto que os professores nos delegavam dar aulas. Para mim foi muito importante.”

“Eu tive muita sorte por ter começado na Fisiologia desde o terceiro ano da faculdade. Como aluno, eu ficava cada vez mais encantado com a importância da Fisiologia na formação do médico

À medida que o serviço profissional foi se dando, ela ia ganhando peso para mim. E sempre transmiti o valor desse conteúdo aos meus alunos, não só por ser algo que tem que ser estudado, mas pela ligação que ele tem com todas as doenças, com cada órgão”, entusiasma-se. A visão ampla de um 'manual do corpo' proposta pela Fisiologia foi o que impulsionou a sua escolha da área de atuação. “Inclinei para a Pediatria, porque tu tens um espectro maior de doenças para tratar”, argumenta Luiz Fernando, que formou-se em 1974, e fez o estágio do sexto ano de curso e a residência, até 1977, no Hospital da Criança Santo Antônio, junto à Santa Casa.



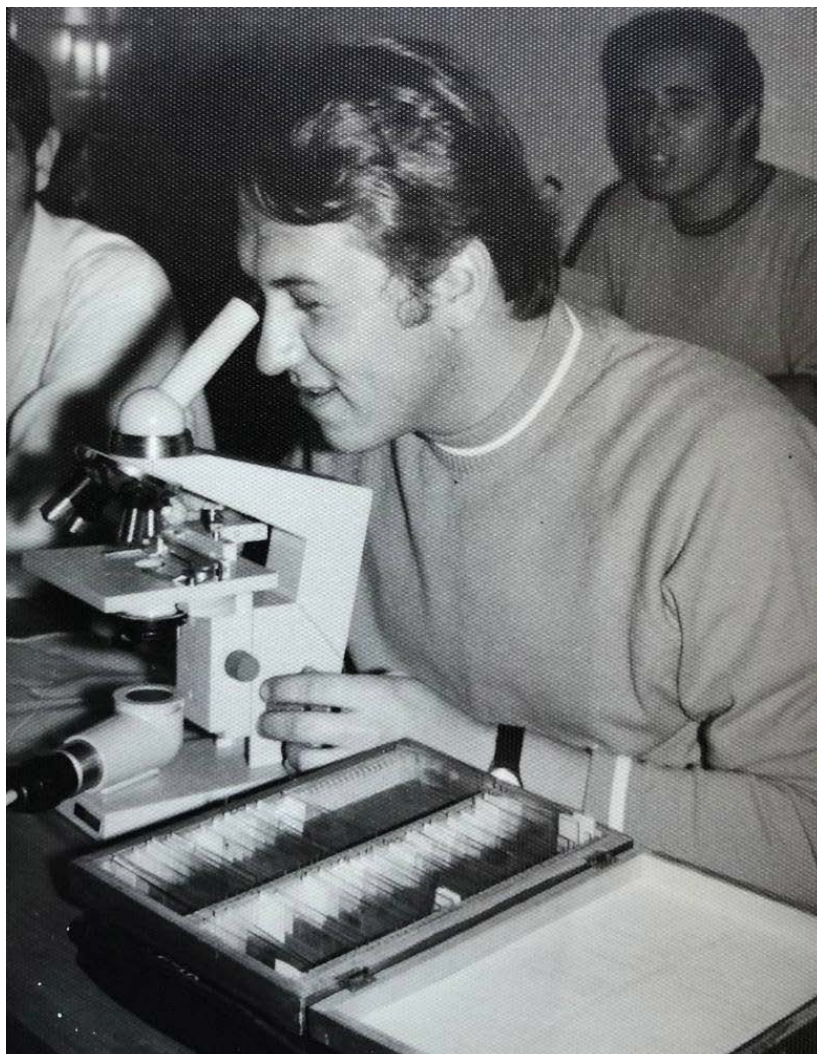
Trote de BIXO, Medicina, Fundação Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre-RS, 1969. (Atual Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre).



Acima: BIXOS fantasiados, prontos para o tradicional desfile pela Rua da Praia até a Praça da Alfândega, em Porto Alegre-RS, 1969. Abaixo: a tradicional Cerimônia do Recebimento do Chapéu de Calouro, das mãos de minha madrinha Suzana Schuh, no Centro Acadêmico 22 de Março, da FFCMPA, em 1969



Acima, festa do Calouros, Medicina FFFCMPA, 1969.
Abaixo, almoço de confraternização da Turma MED-69, FFFCMPA, 1969.



Aula de Histologia, no primeiro ano do Curso de Medicina, FFCMPA, 1969.





Grau de Médico: na foto à esquerda, antes da Solenidade de Formatura em Medicina, em 1º de dezembro de 1974, no Salão de Atos da UFRGS - PoA, 1974. Acima, Kehl recebe o diploma do Paraninfo Dr. Carlos Ary de Vargas Souto.



Brincadeira entre os Residentes de Pediatria, nos intervalos de trabalho, na biblioteca do Hospital da Criança Santo Antônio, Porto Alegre-RS, 1976.



Confraternização dos Médicos Residentes em Pediatria,
Hospital da Criança Santo Antônio, Porto Alegre-RS, 1975.

DOUTOR PROFESSOR

O relacionamento com os professores mais marcantes da faculdade ultrapassou o tempo de curso e foi fundamental nos rumos da carreira de Luiz Fernando, a partir daqui citado como Dr. Kehl. “Assim que eu me formei, Poser disse que eu poderia ajudá-lo na UCS (Universidade de Caxias do Sul). Em 1975, pela mão desse professor, que me chamou para ocupar o lugar de Egon Killian, que entrei para a UCS, onde segui por 34 anos”, pontua. Cinco anos depois, por convite do mesmo professor, Kehl voltou à sua faculdade para dar aulas, até se aposentar do cargo após 35 anos de docência.

“O Poser dizia: ‘Nunca digas uma mentira para um aluno. Se tu não sabes a resposta, diga, ‘eu não sei’.

E traga a resposta na semana que vem”, conta, sobre uma lição importante para a carreira acadêmica. Talvez hoje, com 46 anos como professor, não hajam muitas ocasiões que deixem Dr. Kehl sem respostas. Mas no início, essa humildade foi fundamental para sustentar diante das turmas um professor só um pouco mais velho que os alunos. De terno e gravata, como sempre compareceu às aulas na UCS, Kehl mantinha na postura também o ar de seriedade

que o cargo exigia, o peso de um conteúdo difícil, mas essencial à carreira médica e uma rigidez parecida com aquela que tinha na família Kehl e na família jesuíta. “Esse aluno chegava, e chega até hoje, ‘com a orelha molhada atrás’, como dizemos. São jovens, muitos ainda imaturos, assustados com o volume de informações, que é grande nos primeiros anos. Quando eles avançam, começam a tomar mais contato com os pacientes, passam a se dar conta do peso daquelas informações que receberam no início do curso”, explica Kehl. “Na Medicina, eles têm medo da Fisiologia, da Anatomia e da Bioquímica”.

Da parte que cabia a Kehl, a Fisiologia para a Medicina e os demais cursos da área da saúde na UCS, os alunos não tinham dúvida do nível de exigência. “Me chamavam de Killer”, conta o professor, sobre o apelido que ganhou – nos bastidores, nunca diretamente – pelo seu perfil e pela sonoridade da pronúncia do seu sobrenome, um um “e” mais fechado, quase um “i”. Os reencontros com alunos já formados ainda mostram o apreço que eles têm pelo conteúdo que absorveram e pela ênfase dada por um “killer” do bem.

“Hoje a gente encontra alunos e eles lembram que era um conteúdo difícil, que tinha que estudar muito. Dizem: era difícil, mas a gente aprendia.”

Quando Kehl iniciou na UCS, o curso de Medicina tinha apenas cinco anos. "Tínhamos um empenho grande para fazer aquilo funcionar. A relação foi muito boa entre alunos, professores e reitoria. Sempre tivemos apoio para execução de tarefas: o que a gente precisasse, sempre foi nos alcançado", relata o professor, homenageado pela instituição algumas vezes durante a carreira, pela atuação na sala de aula, mas também pela sua importância no desenvolvimento do curso. "À medida em que o curso se solidificava, a estrutura ia se ampliando. O crescimento de cada um lá dentro foi um embrião: depois vieram Farmácia, Educação Física, Nutrição, Fisioterapia", enumera Kehl, que também viu se ampliar a demanda pelas suas aulas. Em 2007, após uma mudança drástica na gestão da UCS, Kehl foi desligado da instituição. Recebeu a demissão e foi dispensado imediatamente, mas seguiu dando aulas naquele semestre. "Eu não vou faltar com o respeito aos meus alunos", argumentou Kehl, que também compareceu à formatura daquele ano, como professor homenageado. E ouviu na cerimônia algo que, embora não tenha revertido a decisão, mostrou o valor do seu empenho. "Eu peço ao Reitor, que está aqui, que volte atrás na demissão do professor Luiz Fernando Kehl, que está sendo homenageado na noite de hoje", discursou o orador da turma.



Recebendo a Medalha de Mérito Jubileu de Prata Universidade de Caxias do Sul, das mãos do Magnífico Reitor Ruy Pauletti, em novembro de 2000.



Acima, como professor de Fisiologia, na Universidade de Caxias do Sul, final dos anos 1970. Abaixo, integração com os alunos de Medicina da UCS, por ocasião do lançamento do livro de compilação das aulas práticas ministradas na UCS, Livraria Saraiva, 2010,



Colegas médicos (e ex-alunos da UCS),
participando de solenidade de Formatura de
Medicina, na UCS, 2011.



Entre o Dr. Dorval Bosi e o filho dele,
recém-formado, Dr. Guilherme Rasia Bosi.
Dr. Kehl foi professor de ambos, na
Universidade de Caxias do Sul.



Ao lado do aluno, após autógrafa com
dedicatória, no lançamento do livro de
compilação das aulas práticas ministradas
na UCS, Livraria Saraiva, 2010,
Caxias do Sul-RS.

UM SLIDE DIFÍCIL

“Preparar aulas hoje é uma facilidade: eu tenho todos os livros no meu computador. É uma barbada buscar uma imagem, colocar na apresentação...”, explica Kehl, quando compara a atividade extraclasse do professor de hoje com a do início da carreira. “Eu levava uma tarde, aos sábados, para preparar uma aula. Em uma mesa de madeira, apoiava uma máquina fotográfica não reflex, fazia uma mira para tentar acertar o que eu queria em cada página, e às vezes ficava torto. Era uma mão de obra preparar um slide para uma aula”, conta Kehl, que ainda guarda o projetor, muitos *slides* e uma série de equipamentos de vídeo e áudio que integram seu hobbie de colecionador.

A maior parte da carreira médica e de docente foi intensa para Kehl. Logo após a formatura, em 1975, quando começou a dar aulas na UCS, acumulava as atividades da residência com a carreira de professor.

“Como residente, tinha direito a uma folga após um plantão de 24 horas. Fazia o possível para ter plantão aos domingos, porque o dia de ir a Caxias era a segunda-feira”,

explica, expressando a dificuldade em ajustar a agenda de plantões, mas não em dar aulas no dia da justa folga após 24 horas de trabalho. “Terminava o trabalho no hospital às 11h30min. Pegava um táxi para a rodoviária. Ia para Caxias, dava aula a tarde toda e voltava para Porto Alegre. Era puxado, mas eu fazia com gosto”.

Naquele mesmo intenso 1975, Kehl perdeu o pai, vítima de uma insuficiência cardíaca, aos 64 anos. “Virei arrimo de família”, conta o médico, sobre o papel inevitável dos filhos únicos. O trabalho árduo e o apoio à mãe (falecida em 2020, aos 94 anos), teriam orgulhado Edmundo. “Do meu pai, a maior herança é o trabalho. Sempre prezou o trabalho, o esforço e a correção.”

Do correto Edmundo, de quem Kehl também herdou o capricho com a aparência e peças de tecido inglês guardadas até hoje por falta de coragem de mandar cortar para fazer um terno, o médico lembra outro episódio do perfil severo. Na infância, após mais um final de semana na casa da avó Elizabeth, em Nova Petrópolis, era compromisso do garoto estar de volta, em Porto Alegre, no final do domingo. “Era troca para o horário de verão e eu fui para a rodoviária uma hora depois. Só tinha ônibus no outro dia. Liguei para o tio Alberto avisar na minha casa. Cheguei na segunda à tarde: já tinha perdido a aula. Meu pai não falou nada. Não falou comigo por uma semana”.

NOVA PETRÓPOLIS

No final dos anos 20, quando a gripe espanhola infectou cerca de um quarto da população mundial da época, Elizabeth Pirtouscheg Seibt, acometida pela doença por volta dos seis anos, chegou com a família em Nova Petrópolis, já que o clima da Serra oferecia melhores condições para o tratamento. Por lá, construiu uma carreira importante para a história da cidade como professora na comunidade, casou-se e ficou até o final da vida, aos 96 anos. Da casa dessa avó, Kehl lembra de bons momentos da última etapa da infância. “Até os dez anos, as férias eram na praia, em Capão da Canoa. Depois, passei a curtí-las em Nova Petrópolis”, lembra. Além da relação com a avó, com a típica austeridade dos descendentes de alemães, mas com um gosto especial pelo ensino, e pela música – compartilhada com o avô, Rinaldo –, Kehl guarda memórias de uma adolescência culturalmente rica.

“Tínhamos um grupo de jovens que comungava dos mesmos interesses. Além das reuniões dançantes, comuns naquela época, nos encontrávamos no cinema”, resgata.

O cinema, Cine La Paloma, havia sido fundado por Renato Seibt, tio de Kehl, em 1955. "Ele era um visionário. Idealizou o cinema, importou equipamentos da Bauer, de Stuttgart, Alemanha. Isso permitiu que tivéssemos filmes de qualidade, alugados nas companhias de Porto Alegre." Pela qualidade técnica do Cine La Paloma, Nova Petrópolis, que nessa época despontava para o turismo, incluía-se no roteiro de cinema do Brasil à frente de outras cidades do interior brasileiro. Ainda assim, os filmes demoravam mais de dois anos, após o lançamento, para estrear por lá, dada à quantidade limitada de cópias que eram distribuídas no Brasil.

No Cine La Paloma, com capacidade para 700 pessoas, Kehl assistiu clássicos como *O Homem que Matou o Facínora* (1962), *A Pantera Cor-de-Rosa* (1963), *A morte anda a cavalo* (1967), *O Bebê de Rosemary* (1968), entre outros. Após os filmes, seguiam reunidos na sala de projeção.

Conversávamos sobre o filme, a produção, a qualidade técnica",

conta, e lembra de um debate difícil na estreia de *Os Pássaros* (ou *Psicose*, não tem certeza). "Os filmes vinham em diversos rolos. Naquela ocasião, erraram a ordem dos rolos na projeção. Ninguém entendeu nada do filme", ri Kehl, contando que a sessão precisou ser reexibida

para Alfred Hitchcock continuar sendo difícil, mas sem empecilhos técnicos.

As férias em Nova Petrópolis construíram amizades das quais Kehl mantém laços até hoje. O Cine La Paloma construiu a paixão por equipamentos de áudio e vídeo. Hoje o médico tem exemplares importantes da história do desenvolvimento dessa tecnologia, coleciona gravadores, raras fitas de rolo – que ainda ouve nos aparelhos originais – e assinaturas de *streamings* de filmes, que o possibilitam acesso a milhares de títulos, ainda que sem o charme técnico daquela época.



Cine La Paloma, em Nova Petrópolis (RS), em meados de 1958. No cinema do tio, Kehl desenvolveu o gosto pela sétima arte e pela tecnologia de áudio e vídeo. Dali, também guarda as melhores lembranças da adolescência. Na página seguinte, com os avós Elisabeth e Rinaldo Seibt, na casa deles, em Nova Petrópolis-RS, 1960.





Residências da família Seibt, onde Kehl passou bons momentos da infância, em Nova Petrópolis. As duas primeiras não existem mais.



Acima, com os pais no Natal de 1969, na casa dos avós maternos, em Nova Petrópolis-RS. Abaixo, encontro dos familiares e amigos, na casa da família Michaelsen, na mesma época.

ALÉM DA MEDICINA

A bagagem cultural de Kehl foi conteúdo da sua aproximação com Silvana Scalia, idealizadora do registro desse legado, e com quem ele é casado desde 2013. “Ele trabalhou por 34 anos na UCS. Eu, por 24. E nunca havíamos nos falado, até a demissão dele”, conta ela, relações públicas, que na época atuava no departamento de recursos humanos da universidade. Silvana era responsável pelos contratos da previdência complementar. Quem saísse da UCS passava por ela, inevitavelmente, para encaminhar a rescisão ou continuidade, como pessoa física, do contrato de previdência. Em dezembro de 2007, depois da rescisão feita e da conversa com Silvana,

Kehl ainda tinha documentos da previdências a retirar no RH. Providencial pendência. “Em janeiro, ele ligou para o RH para resolver o assunto comigo. Eu disse que sairia de férias por 30 dias. No meu primeiro dia de retorno, ele estava lá”, conta Silvana. Kehl guarda, com todo seu acervo de memórias especiais, o envelope, com a letra dela, que levou para casa naquele dia.

“Começamos a conversar. Saímos para jantar. E conversamos muito nesse encontro. Tinha eco! Tinha repertório”, lembra Silvana.

Depois de 5 anos de relacionamento, entre Caxias do Sul e Estrela, eles se casaram e Silvana mudou-se para junto de Kehl. Do primeiro casamento, Kehl tem uma filha: Lia Christina Kirchheim Kehl, nascida em 1990. “Temos uma relação muito boa”, conta o médico, que enxerga o mesmo bom convívio da filha com Silvana. “Houve um tempo em que ela queria fazer Medicina, mas se formou em Biologia pela UFRGS”, conta Kehl. Se a Medicina não terá em Lia uma sucessão, a docência tem chances. “Hoje faz mestrado em Educação. Quer dar aulas”, orgulha-se.

“Ela me leva na rédea curta”, brinca Kehl, sobre o casamento com Silvana, que não trabalha com ele, mas administra bem a vida pessoal e com quem compartilha boas conversas como aquela do primeiro encontro. “Temos um convívio muitas conversas sobre educação, economia, cultura e outros assuntos de interesse comum”, explica o marido, reforçando o repertório que encaixou os dois.

Silvana tem pouca afinidade com a área médica, mas nutre um profundo respeito ao ofício e à carreira que Kehl construiu. Aprendeu, ao longo do relacionamento, a conviver com a rotina intensa do marido e uma aptidão física para levar bem uma “vida de plantão”. “Se ligarem para ele às duas da manhã, ele atende e está plenamente desperto. Se a gente parar agora de conversar, ele fecha os olhos e dorme. Se tiver que acordar, desperta completamente, com mais disposição. É impressionante”, admira-se, com algo que Kehl acha perfeitamente natural

do médico.

ESTRELA

A rotina frenética entre a sala de aula, o consultório e o hospital diminuiu consideravelmente o ritmo, há três anos, quando Kehl decidiu reduzir a carga de trabalho, pelo menos nas madrugadas. Mas, até aí, houve pouco descanso.

Em 1977, no final da residência em Pediatria, Kehl mudou-se para Estrela, a convite do amigo Ricardo Kieling, que estava deixando a cidade. A colonização alemã, a proximidade com Porto Alegre e a facilidade de acesso a Caxias do Sul e a possibilidade de um dia de folga para poder seguir com as aulas na UCS convergiram para o aceite de Kehl (que hoje mora na cidade vizinha de Lajeado).

Ao lado de Protógenes da Cunha Nunes, pioneiro na pediatria no Vale do Taquari, Kehl passou a trabalhar no Hospital Estrela, coordenado pelas irmãs franciscanas. “O hospital mantinha uma boa estrutura, era bem equipado e tinha uma configuração adequada para a pediatria”, avalia.

“Conseguimos montar ali um serviço ativo e importante para a região. Fazíamos plantão dia sim, dia não.”

Tínhamos pediatra 24 horas por dia, com toda estrutura hospitalar. Criamos uma clínica muito grande”, conta Kehl, sobre a parceria com amigo até hoje, Dr. Protógenes.

“E hoje não se encontra ninguém que se disponha a essa aventura”, relata o médico, satisfeito pelo que construiu, mas ciente do trabalho exaustivo que isso custou. “Não tínhamos nenhum vínculo. O hospital dava o suporte e a estrutura e não criava empecilhos para que o trabalho fosse desenvolvido. A parceria entre a equipe de enfermagem do hospital era perfeita. Era o que permitia que a gente trabalhasse. Mas não tínhamos nenhuma garantia”, explica. “Às vezes, a gente passava 20 horas trabalhando sem descanso. Hoje, se eu disser para um aluno que ele vai ter plantão dia sim/dia não, eu vou preso”, cita, mais como crítica aos excessos da profissão, do que à legislação que hoje os proíbe.

Quando se refere à falta de vínculo, Kehl também explica a realidade da época. “Hoje o hospital se obriga a manter o plantão: contrata um médico, geralmente pessoa jurídica, e remunera. Nós não tínhamos esse contrato. Ninguém nos pagava por aquele plantão. Se o cliente nos pagasse, ok. Se não pagasse, seguíamos do mesmo jeito. Todos nós íamos para o hospital, fazíamos o atendimento, ninguém falava em pagamento. Muitos pagavam. Outros diziam que voltariam para pagar e não voltavam. Também nunca deixamos de atender quem não podia pagar.”

“O serviço criou uma tradição da pediatria em Estrela”, destaca Kehl. Com a fama do município, a região do Vale do Taquari, hoje com 350 mil habitantes, passou a enviar seus pacientes de Lajeado, Arroio do Meio, Encantado, Teutônia, Nova Brésia e Muçum ao atendimento de Protógenes e Kehl. Os dois também absorviam a demanda gerada pelo atendimento de dois obstetras na cidade, Hugo Szmidt e Silvério Schneider. E, ainda, eram ligados ao Ministério da Previdência Social. No cargo, ocupado por meio de concurso, atendiam, diariamente, 25 pacientes por dia no ambulatório do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), precursor do SUS.

“Essa ligação com a rede pública solidificou um ponto de referência para o atendimento. Os pacientes faziam fila para marcar uma consulta conosco”,

conta o médico sobre uma demanda que se acumulava em frente ao prédio a partir das 3h da madrugada e estimulava até um “serviço” informal de agendamentos. “Havia uma figura, chamavam de Jesus, que separava a nossa fila, da pediatria, e cobrava para fazer o agendamento. Ganhava mais dinheiro do que a gente fazendo o atendimento”,

lembra, com bom humor.

A agenda do médico era dividida entre os plantões no hospital, as aulas na UCS e na Fundação, e o atendimento no Inamps e no consultório, o primeiro deles, aberto pelo Dr. Protógenes. “Em 1980, construímos um centro clínico. Uma área enorme – eu atendia em um consultório de 100 metros quadrados – com três consultórios”, conta Kehl, que entende que hoje uma estrutura desse porte não faria mais sentido para o perfil da demanda de público.

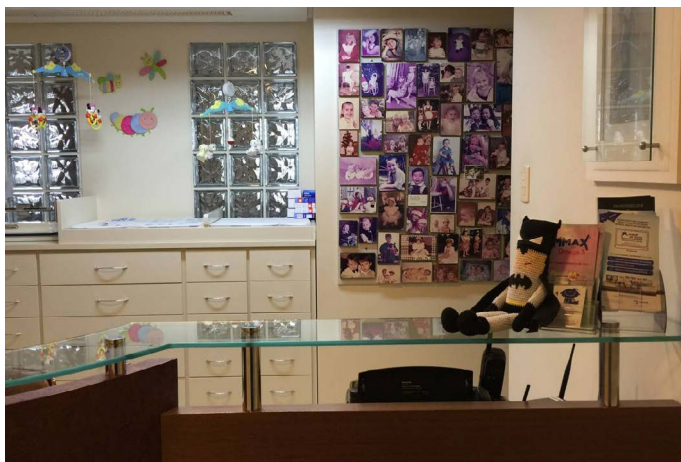
Desde 2002, ele mantém consultório ao lado do Hospital Estrela, em um edifício que possui comunicação com o prédio do hospital. Paralelamente ao trabalho, Kehl contribuía com o cooperativismo médico na região. “Em 1978, quando cheguei aqui, a cooperativa Unimed estava surgindo. Estávamos envolvidos em fazer a multiplicação da nossa cooperativa. Todos os médicos da região se reuniam e faziam esforços para que a Unimed crescesse. Depois, muitos colegas enveredaram para o ramo administrativo. Nós seguíamos com o trabalho de obreiros: angariar pacientes”, relata. Nessa época, quando o Banco Nacional de Crédito Cooperativo investia na solidificação econômica, a cooperativa obteve um financiamento para a construção de uma sede, em Lajeado. O BNCC custeou cerca de 30% da obra, e os médicos cooperados, entre eles, Kehl e Protógenes, investiram na outra parte.



Inauguração do Centro Clínico, Estrela, 1979. Este Centro Clínico foi planejado e construído pela atuação dos Médicos (na primeira fila, abaixo, da esquerda para a direita), Dr. Werner Schinke, Dr. Luís Alberto Keunecke, Dr. Hugo Szmiddt, Dr. Nelson Balestro. Na segunda fila, da esquerda para a direita Dr. José Pedro Lahude e sua esposa, e Dr. Vitor Albino Buzato. Teceira fila, Dr. Luiz Fernando Kehl e Dr. Protógenes da Cunha Nunes.



Equipe de médicos e funcionários do INAMPS, na década de 1980.



Atual consultório de Dr. Kehl, em Estrela. As fotos de pacientes ocupam boa parte das paredes, entre a recepção e a sala de espera. São presentes de famílias que homenageiam o papel do pediatra no desenvolvimento das crianças. Alguns desses pacientes aparecem em mais de uma foto: quando pequenos e quando formandos, inclusive de Medicina.



Marlise Diedrich (In Memoriam), Secretária de Dr. Kehl de 1978 a 2016. "Meureconhecimento e agradecimento pelo trabalho dedicado durante os 38 anos de convivência."



Acima: Participação no aniversário do paciente Douglas, em 1994. Até os dias atuais, Douglas e sua família mantêm contato, em visitas ao consultório. Abaixo: uma das homenagens recebidas de famílias de pacientes.



O dia a dia no consultório pediátrico.



Irmã Paula segurando o recém-nascido, da puérpera que está ao seu lado e a Enfermeira Herci (imagem de 2013, no Hospital Estrela, Estrela -RS). A mãe foi paciente de Dr. Kehl. Aos 3 meses, foi tratada por ele de um quadro grave de bronquiolite viral aguda. Irmã Paula e a enfermeira Herci, na época, também, acompanharam o tratamento, no Hospital Estrela. Na segunda foto: as três gerações da família – com a avó do recém-nascido (à esquerda) – da qual Kehl segue tratando a nova geração.

UNIVATES

A Universidade do Vale do Taquari (Univates), com sede em Lajeado, também marcou a carreira e a contribuição de Kehl para a Medicina. Durante o governo de Dilma Rousseff, o Programa Mais Médicos estimulava, entre outros projetos, a criação de cursos de Medicina no país. Universidades com cursos da área de saúde eram incentivadas a solicitar ao Ministério da Educação o curso de Medicina. A estrutura da Univates preenchia os requisitos e pode se candidatar. Nesse processo, contratou um consultor externo para avaliar as estruturas do entorno – hospitais, serviços de saúde, médicos – e atestar, à instituição e ao MEC, o potencial da região para a instalação do curso. A avaliação positiva deu início ao grupo que estruturaria o projeto, para o qual Kehl foi convidado a fazer parte.

“Nos reuníamos quinzenalmente com esse consultor, então contratado pela Univates, para discutir as características necessárias e desenhar a estrutura do curso”, conta Kehl sobre o desafio de enfrentar burocracias, articular contatos, exercitar diplomacia e “aprender a ser político” – talento para o qual, até hoje, ele não se considera apto. “A própria Comissão, formada por membros indicados pela reitoria e membros externos, nos olhava com certa desconfiança no começo. Mas, passou um tempo e escolheram a mim como Coordenador da Comissão. Eu era o responsável, perante ao MEC, pelo registro do andamento do curso.”

“É como fazer um bolo”, exemplifica Kehl, referindo-se aos ingredientes que passou a reunir para criar o curso de Medicina. A Comissão estruturava cada um dos seis anos de curso, listava as atividades, propunha parcerias com hospitais para a prática dos futuros alunos... Para Kehl, que não sabe cozinhar, mas tem ainda menos habilidades com política, fazer este bolo também não foi fácil. “Definíamos juntos quantos gramas de cada ingrediente (pediatria, cardio, nefro, urologia, etc) eram necessários na carga do curso, conforme as doenças de maior prevalência”, diz ele, sobre a parte fácil da receita. Na parte difícil, convenciam pessoas e instituições a abraçar o projeto.

“O hospital passou a nos ver como intrusos. Alguns médicos também. Muitos não quiseram participar. Enfim, recebi todo o tipo de resposta. Mas, não importava: tínhamos que fazer.”

O trabalho da Comissão conseguiu abrir as portas do Hospital Bruno Born, de Lajeado, Hospital Estrela e Hospital São José, de Arroio do Meio. Dos apoios que o projeto recebeu, Kehl destaca o do prefeito de Lajeado, Marcelo Caumo. “O Mais Médicos delegou às prefeituras

a condução e o auxílio na montagem dos cursos. E o prefeito assumiu um papel importante: abriu as portas das Unidades Básicas e facilitou a inserção dos alunos na rede pública para treinamentos”, reconhece Kehl.

“No final de 2013, veio a licença para começar o curso. Nos assustamos, porque não estava tudo pronto. E veio a ordem da reitoria: ‘vai começar em abril’”, recorda. A ordem foi cumprida e o curso iniciou com alunos aprovados via Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que se solidificava como canal de ingresso de universitários em todo o país. No dia em que recebeu as famílias dos futuros médicos e os alunos – boa parte vinda de outras regiões do Brasil, por causa do baixo rendimento dos estudantes do Sul no ensino médio, naquela época –, Kehl fez um discurso, como Coordenador do Curso, à altura da alcunha de “killer”.

“Vocês estão ingressando em um curso médico novo, mas muito bem montado. Temos uma vontade grande de tê-los como excelentes médicos. E vamos querer o couro de vocês.”

A fase de estruturação, e todas as falhas e carências comuns em um projeto que se inicia, também fez os

alunos quererem o couro da universidade, no sentido de exigir melhorias. “Os alunos de medicina são muito críticos. A primeira turma foi uma parceira muito grande”, conta Kehl, orgulhoso pelo tom construtivo e disponível a ajudar das exigências que recebeu. “Toda turma tem sempre uma anterior, que lhe funciona como veterana. O bixo chora no ombro do veterano. Essa primeira turma não tinha no ombro de quem chorar. Choravam para mim. E eram muito parceiros, porque nos ajudavam a resolver os problemas que traziam”, registra Kehl.

Aos poucos, a estrutura foi ganhando melhorias, a instituição foi compreendendo as peculiaridades no novo curso e investindo em equipamentos. E Kehl foi percebendo o valor do seu esforço diplomático.

“Às vezes, contava até 5 mil para não virar a mesa. Mas sempre pensávamos que, acima disso, estavam alunos, um curso de medicina e uma sociedade.”

Um país com 220 milhões de habitantes, cinco mil cidades, 350 cursos de medicina, tem umas 300 cidades com curso de medicina. Então, agora tu és vitrine. Não dá para jogar pedra”, avalia Kehl, e cita o apoio recebido do Prof. Oto Mörschbacher, então Pró-Reitor Administrativo,

para a consecução de várias obras necessárias para a boa estruturação do curso.

Nos seis anos de curso, até a formatura da primeira turma, a Medicina mudou o cenário da cidade, movimentou o mercado imobiliário, mudou o perfil de alunos (com a melhora do ensino no Sul, os alunos passaram a chegar de lugares mais próximos), e transformou o serviço de saúde na região. Além da prática nos hospitais da região, alunos e professores atendiam, pelo SUS, no novo ambulatório da Univates, com 20 consultórios e todas as especialidades médicas, além de diversos exames.

Hoje Kehl se mantém no corpo docente da Univates, mas não mais na coordenação, pela qual tem o sentimento de tarefa cumprida. O ano de 2019, quando a primeira turma de Medicina se formou na Univates, foi marcante para a carreira do professor Kehl. Porque a receita do bolo que começou a fazer cheio de contratempos rendeu mais do que todos os envolvidos poderiam esperar, atestado pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade).

“Tivemos a melhor nota dos cursos de Medicina do Interior, apenas dois centésimos abaixo da UFRGS, na Capital, uma referência para a Medicina”, comemora.

Quando a Turma Luiz Fernando Kehl colou grau, batizada com o seu nome em homenagem, o patrono viu todos os integrantes da comissão que estruturou o curso subirem ao palco para receberem os aplausos, e estendeu a homenagem aos próprios alunos, a quem se sente grato por ter prestado serviço. "A ótica do aluno é a mesma do paciente. É a pessoa a quem a gente deve satisfação e deve atender."



Com os alunos da primeira turma de Medicina da Univates, ATM19-1, em encontro histórico com os Médicos decanos da Medicina do Vale do Taquari (sentados, da esquerda para a direita: Dr. Wilson Dewes, Dr. Güntel Fleischut, Dr. Werner Schinke e Dr. Waldir Oscar Nöthen). Na ocasião os decanos contaram como foi o início de suas carreiras como médicos no Vale do Taquari. Lajeado-RS, Junho, 2014.



Com os alunos do curso de Medicina, Univates, Centro Clínico Univates, 2019.



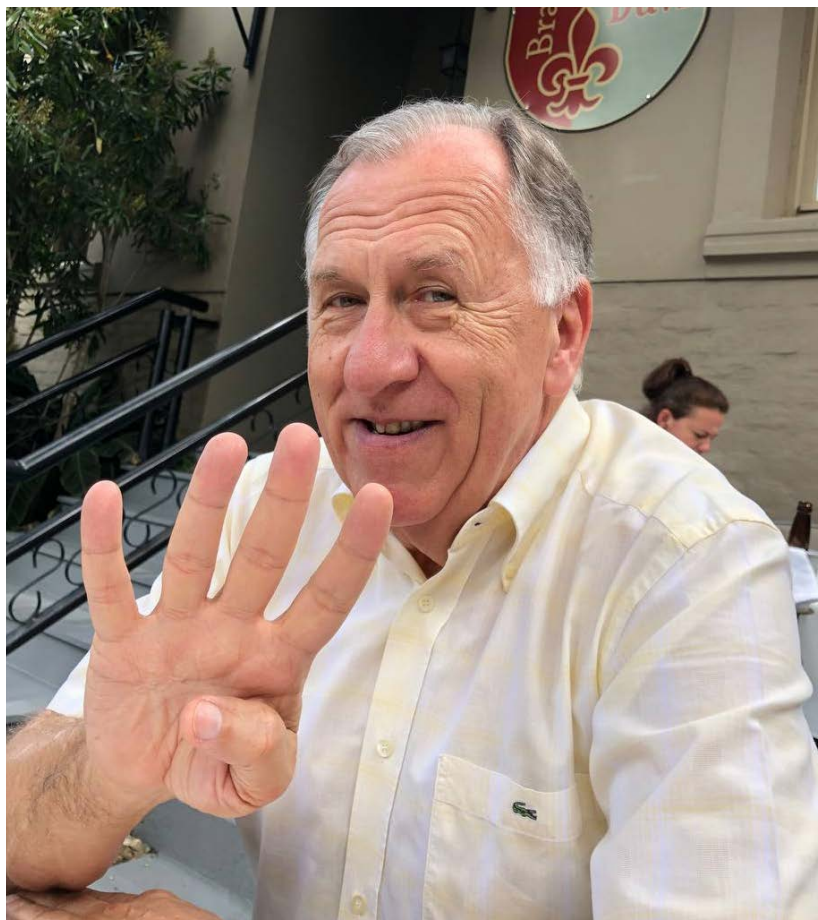
Foto Oficial como Patrono da primeira turma de Médicos Univates, 2019. O patrono é o médico que, pela sua dedicação ao longo da formação médica, é homenageado pelos alunos, dando o seu nome à turma de formandos



O patrono e os integrantes da Turma Prof. Dr. Luiz Fernando Kehl
(1ª. Turma de Médicos formados pela Univates), 2019.



Acima, confraternização com o Patrono da primeira turma da Medicina da Univates.
Abaixo, com as autoridades acadêmicas, professores, funcionários e representantes de instituições parceiras, na solenidade de formatura. Univates, dezembro, 2019.



Orgulhoso pelo trabalho realizado na estruturação da Medicina da Univates, comemorando a excelente nota do curso no ENADE de 2019, como Coordenador do Curso de Medicina.

(POUCO) TEMPO LIVRE

A rotina atribulada do médico não proporcionava muito tempo ao lazer. Seu perfil reservado tampouco compensaria essa falta. “Eu não sou o que se chama de um indivíduo socialmente agradável. Não costumo beber, não sei cozinhar, não frequento festas”, enumera. “Eu sempre tive cuidado com a exposição. Não tive uma vida social intensa.” Dos raros momentos sociais que lembra, Kehl teve a oportunidade de ser anfitrião. “Em uma época quando não tinha cinema, eu ia a Porto Alegre, alugava filmes de 16mm e levava para uma sala (no prédio que hoje abriga uma parte da estrutura da Unimed, em Lajeado). Eu convidava os colegas médicos, levava o projetor e passava os filmes. Era uma reunião social para ocupar esse espaço de divertimento”, recorda.

Ainda que não seja dado a grandes reuniões de amigos, valoriza aqueles que conquistou. Entre eles, cita Wilson Dewes, fundador da Unimed e da Fundação para Reabilitação das Deformidades Crânio-Faciais (Fundef), que atende pacientes com lábio leporino e fenda palatina. “É uma pessoa que tem uma energia fantástica”, define Kehl. “Ele criou algo de importância mundial, totalmente voltado ao SUS, que cuida de crianças que demandam atendimento de longa duração e habilidade cirúrgica”, conta Kehl, orgulhoso do amigo e da Fundef, na qual atua como presidente do Conselho Superior.

Hoje, aos 70 anos de idade, Kehl segue na carreira

médica e de docente. Com um pouco mais de folga.

diz ele, avesso a comemorar as próprias conquistas.

“Eu me sinto tranquilo com o que conquistei até hoje, como médico e como docente”,

Resume o conjunto delas, assim: “O trem estava andando e eu consegui pegar o vagão”.

Há anos, Kehl cultiva um hábito saudável ao lado do amigo Ernany Vicente Bender Júnior, médico do Hospital Born, de Lajeado. Diariamente, às 5h, os dois fazem uma caminhada, falam sobre diversos assuntos, sobre a vida, o trabalho, as histórias de anos de amizade... Sobre o futuro, compartilham da mesma opinião. “O futuro depende do que a força do corpo nos permita. Enquanto eu tiver força para trabalhar e capacidade para exercer... Enquanto eu conseguir ajudar, eu não tenho intenção de parar”.



Gravador de rolo, uma das paixões e atividade frequente no tempo livre.



